# O Centenário do Prof. Dr. João Batista Saraiva Leão

*Fernando Câmara*[1]

Há precisamente quarenta anos o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) realizava uma sessão solene para empossar dez novos sócios efetivos, eleitos após a reforma de seus estatutos, que elevava de trinta para quarenta membros o seu quadro social.

Os novos imortais eleitos e empossados tiveram saudação do inesquecível Historiador Raimundo Girão, um dos luminares da Casa do Barão de Studart mais tarde, muito merecidamente, alçado à Presidência de Honra deste Sodalício. Foram estes: Manuel Albano Amora, que fez o agradecimento em nome dos recipiendários, Hugo Catunda, Luís Teixeira Barros, José Amorim Sobreira, Denizard Macedo, Ismael de Andrade Pordeus, Paulo Bonavides, João Batista Saraiva Leão, José Aurélio Saraiva Câmara, a quem sucedi neste Instituto, e Joaquim Braga Montenegro.

Quixeramobim, minha terra natal, que já estava representada nesta Casa pelos seus ilustres filhos, Drs. Manuel Antônio de Andrade Furtado e Clodoaldo Pinto, passava a figurar agora com mais três representantes: João Batista Saraiva Leão, José Aurélio Saraiva Câmara e Ismael de Andrade Pordeus.

Hoje, decorridos quarenta anos deste acontecimento, verificamos que dos dez imortais eleitos, dois, apenas, ainda pertencem a este mundo manor: Luís Teixeira Barros e Paulo Bonavides.

Queremos nesta oportunidade tributar a estes dois ilustres companheiros a nossa sincera e calorosa homenagem por tão importante efeméride e formular os melhores votos de permanente sucesso em suas atividades culturais. Que não lhes faltem também, de maneira especial, as bênçãos de Deus e a proteção Divina!

Aproveitamos ainda o ensejo para reverenciar com toda veneração e respeito a memória dos oito companheiros já falecidos, os quais deram tudo de si em prol da história, geografia e antropologia

(1) Pesquisador e estudioso da História e da Genealogia cearenses. Sócio Efetivo do Instituto do Ceará, com livros e colaboração na imprensa.

cearenses, elevando por outro lado o nome de nosso Instituto através de suas valiosas pesquisas, publicações e pronunciamentos. Que Deus-Pai os tenha em sua Glória!

Ao registrar os quarenta anos de tão marcante efeméride na vida literária cearense, gostaria de lembrar aos presentes a decorrência neste 1995 do centenário de nascimento de um dos dez imortais eleitos e empossados naquele distante 1955, o saudoso Prof. Dr. João Batista Saraiva Leão, que aqui pontificou como um dos mais ilustres membros desta Casa, e foi também uma figura querida e respeitada em nossa família, a quem serviu ao longo de sua existência, com toda dedicação e carinhos tornando-se inclusive um de seus ídolos.

Médico de renome, firmou-se muito cedo como um dos grandes profissionais da ciência de Hipócrates e a sua eleição para membro efetivo do Instituto do Ceará foi o reconhecimento de seu valor no mundo cultural cearense.

Evocar com muita saudade, admiração e respeito a sua personalidade inconfundível nesta data centenária, é motivo de muita honra e satisfação para o orador que vos fala.

Senhor Presidente, Senhores Consócios e Ilustres Convidados

Antes de retratar o perfil de nosso estimado João Saraiva, gostaria também de evocar um pouco da história de seus pais, o magistrado no Ceará e depois Promotor de Justiça em São Paulo, Dr. João Batista Saraiva Leão, o tio Joca, como era conhecido em nossa família, do qual o nosso homenageado herdou o nome, e sua mãe Maria Auta, conhecida por Mariinha.

Procedendo assim, queremos dar aos presentes uma idéia a respeito da personalidade dos genitores de nosso homenageado e também do ambiente familiar em que ele foi criado.

O Dr. João Batista, o tio Joca, era, também natural de Quixeramobim, onde nasceu no dia 27 de agosto de 1868, sendo filho do Dr. Antônio Benício Saraiva Leão de Castelo Branco e de sua esposa Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco.

Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Pernambuco, Turma de 1891, sendo seus colegas, dentre outros, o Dr. José Saboia de Albuquerque, antigo chefe político em Sobral, Porfírio Nogueira e Waldemiro Cavalcanti, outro político de grande talento.

Retornando ao Ceará foi homenageado com um grande baile em Quixeramobim, onde estava presente toda a sociedade local, e,

segundo comentários ouvidos por mim na infância, ele era um jovem elegante, muito simpático, um partidão, como se diz na gíria, porque naquela época "doutor" era coisa rara no Ceará, pois não tínhamos ainda nenhum Curso Superior em nosso Estado e somente em 1903 foi criada a Faculdade de Direito em Fortaleza.

As jovens de Quixeramobim, elegantemente vestidas, fizeram tudo para conquistar o novo bacharelando em Direito, mas este durante o baile deu atenção apenas a sua prima Maria Auta (Mariinha), a qual ali se encontrava de maneira discreta e sem maiores aprontamentos.

Ela morava com seu pai, major José Galdino Saraiva Leão, já viúvo, na fazenda Jericó, em Quixeramobim; não possuia estudos e vivia modestamente naquela propriedade.

Foi uma surpresa geral o início deste namoro e a oposição maior partiu de minha bisavó materna, Maria Alexandrina, mãe de tio Joca.

Havia naquela época uma certa restrição aos parentes da fazenda Jericó, os quais sem grandes projeções cultural ou social, viviam modestamente da agricultura e pecuária.

Anteriormente, esta minha bisavó materna, Maria Alexandrina, já havia vetado o namoro de outro filho, Antônio Benício Filho (tio Totônio) com uma prima daquela região, Francisca Jacinta, conhecida por Jacintinha, sob a alegativa de se tratar de uma moça do campo e muito rude.

Ironia do destino: hoje, o ramo Saraiva Leão do Jericó, tem sido o que mais projetou a nossa família e nele encontramos destacadas figuras onde aparecem: Bispo, sacerdotes, religiosas, médicos, militares, engenheiros, agrônomos, intelectuais, jornalistas e empresários.

Mas voltemos ao romance do tio Joca com a prima Maria Auta, a sua querida Mariinha.

Sobre o assunto demos a palavra ao seu filho, Dr. João Saraiva, o qual em artigo publicado no jornal O Povo, quando do centenário de seu pai, faz os seguintes comentários:

"Enamorado de minha mãe, sua prima legítima, sofreu a oposição de sua mãe, dele, por ser a moça sertaneja, pobre e sem estudos!

Queria, com certeza, o seu filho doutor, para moça mais prendada, da alta sociedade. Ele não se conformava.

Sabendo a minha mãe do que ocorria, retraiu-se por sentir-se humilhada. O homem começou a sofrer doidamente.

Mas reagiu, venceu todos os óbices e pediu a prima."

Ainda segundo o depoimento de seu filho, o noivado de tio Joca com a prima Mariinha foi a maior vitória de sua vida, e quando isto aconteceu, ele já se encontrava no desempenho da magistratura na hinterlândia cearense, bem longe da noiva amada.

Noivo, aparece agora como um poeta apaixonado para dedicar a sua prima este soneto que tem o nome de

***Nostalgia***

Longe de ti, meu anjo a sorte me atirou
Neste exílio de dor e sofrimento atroz!
Na vida, angústia quem foi que suportou?
Quem foi que já viveu como vivemos nós?

Quem da morte, uma vez das garras escapou
Bem como a ave fugaz, das presas do albatroz,
Alegre canta e ri, que o triunfo já alcançou.
Mas nunca se sofreu como sofremos nós!

E tudo o que nos cerca é a treva da tristeza...
A alma despenhada em negra morbideza
Soluça amortalhada em longa nostalgia!

Para todos a vida é cheia de beleza:
Ri no lar a criança e a ave na deveza...
Só não gozamos nós, não é assim, Maria?

Observe-se o sofrimento dos dois jovens, já em pleno noivado, mas tratados com indiferença pelos seus familiares, apesar de serem primos legítimos e a família de tradição religiosa.

O casamento veio a acontecer na Igreja Matriz de Quixeramobim no dia 10 de janeiro de 1894, quando o Dr. João Batista Saraiva Leão, o nosso tio Joca, exercia a magistratura em Canindé.

Muitas pessoas julgam que o Dr. João Saraiva e seu irmão Padre Edgard foram os únicos filhos do casal Joca e Mariinha, mas o prinogênito foi uma mulher, que na pia batismal recebeu o nome de Felismina, certamente em homenagem a sua avó materna, Felismina Auta, falecida em Quixeramobim em 26 de dezembro de 1890. Vejamos o seu batistério:

"Aos treze de fevereiro de 1895, na Igreja Paroquial de Quixeramobim, bispado do Ceará, batizei solenemente a Felismina,

nascida aos sete de janeiro do dito ano; filha legítima do bacharel João Batista Saraiva Leão e de Maria Auta Saraiva, naturais desta freguesia e nela batizados. Foram seus padrinhos José Galdino Saraiva Leão e Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco, que conheço pelos próprios. E para constar lavrei este termo, que assino. O Vigário Salviano Pinto Brandão."

A criança Felismina, que deve ter sido o encantamento de seus pais, teve uma vida meteórica, viveu menos de dois meses, pois no dia 28 de fevereiro daquele ano falecia vítima de tétano como atesta o seu registro de óbito existente no livro 07, folha 107, da Paróquia de Quixeramobim.

A dor causada pela morte da primogênita foi aliviada naquele mesmo ano quando em 25 de dezembro nascia o nosso homenageado de hoje, em plena noite de Natal, quando Cristo veio ao mundo em missão de paz e amor!

Em artigo publicado no jornal O Povo, edição de 23 de dezembro de 1972, sob o título Natal (Reminiscência), João Saraiva comenta o seu nascimento. Ouçamos as suas próprias palavras:

"E, curioso, houve no meu nascimento, opiniões várias sobre o nome que me haviam de dar. Meu avô paterno queria que se me pusesse o de Nascimento; outros, o de Emanuel; mas minha mãe venceu pondo-me o de meu pai.

E a razão disso foi que, coincidência interessante, nascia eu quando, na velha matriz de Quixeramobim, os sinos repicavam anunciando a Elevação, na missa do galo! Deveria ser um predestinado, o que não fui.

Meu nome, ficou assentado, seria, conforme vontade de minha mãe, João Batista Saraiva Leão Filho. E, quando cheguei à idade de entendimento, estranhei o nome só, sem o Filho que, de costume, se apõe ao do pai. Só depois é que soube e, há pouco, vi em uma carteira de meu pai, que ele substituira o Filho por Tolstoi. O meu nome modificado: João Batista Saraiva Leão Tolstoi! Estava explicado a coisa. Permaneceu, porém por muito tempo na minha marca de ferrar gado: um T, marca feita por ele.

Meu pai, de certo, tinha grande e profunda admiração pelo velho russo – o incomparável autor de *Guerra e Paz*: Leão Tolstoi."

A casa onde nasceu nosso homenageado em Quixeramobim, já não existe mais. Ficava na atual rua Cônego Aureliano Mota, entre a antiga residência de D. Maria de Jesus Andrade Costa Lima (D.

Jesus Pordeus) e um terreno que tinha como fachada uma parede de tijolos. Em seu local foi construída a residência do dentista Dr. Pedro Marques.

O meu tio-avô Dr. João Batista Saraiva Leão (tio Joca) antes de abraçar a magistratura cearense exerceu também a advocacia e em Quixeramobim foi advogado auxiliar na defesa dos Lessa, quando do assassinato do comendador José Nogueira de Amorim Garcia, em 1894.

Muitas vezes, segundo o seu próprio filho, Dr. João Saraiva, "ele teve a hombridade de aceitar a defesa de homens que diziam indefensáveis, só porque se convencera da inocência deles."

Ingressando no Poder Judiciário exerceu a magistratura em Caririaçu, Canindé, Santana do Acaraú e Icó, para onde se deslocava em viagens penosas feitas em lombo de animal e ali enfrentando, muitas vezes, a prepotência de políticos poderosos e a ameaça dos chefetes da terra.

Foi motivado por este clima de insegurança e sem contar com maior apoio das autoridades cearenses, estas mais ligadas aos políticos da época, que ele tomou a resolução de partir para São Paulo, em busca de outras opções, onde pudesse viver tranquilamente com sua família, agora acrescida do terceiro filho, o futuro Padre Edgard Saraiva Leão.

Por intermédio do Dr. Belisário Távora (tio-avô do saudoso consócio Virgílio Távora) obteve a nomeação para Promotor de Justiça em Bebedouro, município recém-criado no Oeste de São Paulo e onde a Estrada de Ferro com o seu progresso ainda não havia chegado.

Para lá seguiu o tio Joca em 1897, sozinho, deixando a família com o seu tio e sogro major José Galdino, na fazenda Jericó, e só retornou ao Ceará no ano seguinte para apanhar a esposa e filhos.

Veio otimista com a sua nova atividade e com planos para levar também os seus pais e irmãos para São Paulo.

Quem mais se animou foi o meu avô José Bougival (o Leãos como era conhecido na família) o qual acompanhou o irmão no retorno a Bebedouro.

Já bem ambientado naquela cidadezinha paulista, vivendo no maior amor com a prima e esposa Mariinha, sua última carta para a família é datada de 3 de maio de 1899, ou seja, sete dias antes de morrer tragicamente.

Nesta correspondência feita para sua irmã predileta, Maria Alexandrina (tia Moreninha, que ainda conheci na minha infância), tio Joca fala um pouco do dia a dia do casal:

"Ela passa o dia a costumar, como se diz aqui, e na cozinha. Leva as noites a ler romances, quando os encontra, ou a morrer de medo quando fica em casa à minha espera do clube, às 9 horas, temendo em seus excessos de nervos, que me façam mal, por aí, na volta para casa. Além dá pequena distância a transpor em plena rua (no centro da cidade) e ainda a horas de movimento, não tenho desafetos nem adversários de quem possa esperar qualquer agressão."

Mas a tragédia estava para acontecer, não vinda por pessoas inimigas que o jovem casal não possuía, mas levada por mão amiga, e Mariinha no mar de felicidades com o seu amado primo, parecia pressentir a aproximação da fatalidade.

Ouçamos mais uma vez a palavra categorizada do nosso homenageado em artigo publicado no jornal O Povo sob o título "Relembrando a figura de meu Pai" quando da decorrência do seu centenário de nascimento, em 1968:

"Entrou-lhe, certo dia, 10 de maio de 1899, em casa um amigo, Sr. Joaquim Nogueira, sobrinho do então bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, vendo a bicicleta de meu pai, curioso, foi examiná-la. E baixando-se deixou aparecer, debaixo do paletó, um revólver. Um irmão de meu pai, José Bougival Saraiva Leão, o Leão, como lhe chamavam, e que acompanhara o meu pai na viagem e procurava, também, meios de subsistência em São Paulo, pediu-lhe a arma para ver. Nogueira, imediatamente tira o revólver, abre-o, saca-lhe todas as balas e entrega-o. Vendo-o, não se conteve o meu pai e diz-lhe: ora, revólver tenho eu, um Smith & Wessos e dos mais novos. Levanta-se, vai ao quarto, traz a arma que o Nogueira não conhecia e entrega-a carregada. Começa, então, o exame dos revólveres. Meu pai sentado em uma cadeira dessas que chamamos, aqui, preguiçosa, e eu sentado em seu colo. Momentos antes estivera eu junto ao Nogueira e meu pai, em voz alta, me advertira: saia daí. Voltei ao seu colo. Nogueira conseguira abrir o revólver, mas ao fechar, não sabe como, disparou-o, indo o projétil atingir a testa de meu pai, ao pé do couro cabeludo.

Ao estampido, minha mãe gritou: meu filho, meu filho, julgando ter sido eu o ferido. E vem correndo para a sala, onde estávamos. Ao se lhe deparar o corpo já inânime de meu pai, como uma louca, atira-se-lhe, num desespero incontido!

É claro que com a idade que eu tinha, não pude guardar traço nenhum de meu pai. Mas, coisa curiosa, a cena toda em seu conjunto embora sombreada, ele recostado à cadeira, o fio de sangue descendo-lhe pela face, a desesperação de minha mãe, tudo, tudo ficou-me fixado na retina, como em placa fotográfica.

Nunca pude afastar da memória visual aquela cena dantesca. E me acompanhou a infância toda. Ouvi minha mãe contar que eu acordava, noite alta, chorando, chamando por meu pai!

Essa meticulosidade, esse esmiuçar coisa por coisa, só e só para mostrar que não houve próposito de crime, na morte de meu pai."

Em outra crônica publicada no mesmo jornal O Povo, edição de 9 de agosto de 1975, ele comenta o retorno da família ao Ceará após a terrível tragédia:

"E tivemos de deixar Bebedouro imediatamente. Voltamos em companhia do irmão de meu pai, o Leão, que tinha ido conosco aventurar a vida por aquelas paragens futurosas. E foi a nossa salvação. Minha mãe sem orientação, desnorteada, incapaz de uma decisão, não poderia locomover-se.

Viemos para o Ceará de onde tínhamos saído, e de logo, para a fazenda de meu avô materno, José Galdino Saraiva Leão, primo e cunhado do meu avô paterno.

Tinha eu três anos e meio, e, de quase nada me recordo, a não ser da cena dolorosa que se me gravou na memória para sempre.

Minha mãe falava-me continuamente nele, desde que desabrochei na vida. E acompanhei, a passo e passo, a mais séria, a mais sentida, a mais dolorosa viuvez que já hei visto. E por isso, com certeza, via a minha mãe como que cercada de um halo de santidade, de intangibilidade, e o que mais me irritava, desesperava mesmo, menino pequeno, era uma pilhéria de casamento para ela. E ela também não suportava.

Não se cansava de, na solidão, no desespero da perda de seu único e sincero amor, não se cansava de miudamente contar-me a sua vida de felicidade ao lado do seu Joca que lhe era dedicado e bom."

Fixando-se na fazenda Jericó, em Quixeramobim, onde residia o seu avô materno, João Saraiva ali permaneceria durante toda a sua infância e de lá saiu pela primeira vez, em 1903, em companhia de sua mãe, para uma viagem até a cidade de Baturité.

Foi participar dos festejos de seu avô paterno, Dr. Antônio Benício Saraiva Leão de Castelo Branco, o qual completaria 80 anos de idade no dia 23 de agosto daquele ano.

Em outra crônica publicada no jornal O Povo, ele faz comentários sobre este acontecimento:

"Dr. Antônio Benício Saraiva Leão de Castelo Branco era esse o nome de meu avô paterno. Quando o conheci de perto, completava ele oitenta anos, em 23 de agosto de 1903.

Andava eu pelos meus oito, e fui com minha mãe que enviuvara em 1899, havia quatro anos, a Baturité, onde toda a família se reunira. E ela, fugindo das reuniões, com toda a sua dor, como se o marido desaparecera não havia muitos dias, foi obrigada a assistir aos regozijos da data. E tanto foi assim, que perdendo o esposo aos 25 anos, nunca mais tirou o luto fechado, o preto vivo insubstituível. E a alma desolada, só aniquilada, parece que não fazia parte do mundo dos viventes. Só muito tempo depois, como sói acontecer, foi diluindo aquela dor."

Mais tarde ao iniciar a sua adolescência vem com sua mãe a Fortaleza e aqui tenta pela primeira vez os estudos.

Demos novamente a palavra ao nosso homenageado, que em outro artigo publicado em O Povo, edição de 12 de abril de 1969, dedicado a seu saudoso parente e grande amigo Antonelle Bezerra faz estas revelações:

"Morando no sertão de meu Quixeramobim, após a morte de meu pai, de lá não mais arredei pé até esse beirar da adolescência. Não sei, não me lembro o motivo, vim com minha mãe a esta Capital e nos hospedamos em casa do meu tio afim, Assis Bezerra, casado com minha tia Cristina.

Aí encontrei Antonelle Bezerra que estava, também, alojado em casa do tio (porque Assis era irmão de seu pai Vicente Bezerra), Vicente e D. Totonha, mãe de Antonelle, tinham ido ao sertão de Canindé, em viagem de repouso.

Antonelle, então cursava o Liceu. Já demonstrava o que havia de ser: homem de saber e de cultura invulgar. Estudava à luz baça de uma vela de estearina, até alta da noite.

Recordo-me que naquela ocasião tive inveja de Antonelle. E passou-me pela mente o vislumbre da possibilidade de meu ingresso no Liceu e a continuação de uma carreira que poderia ser o

alevantamento do espírito de minha mãe, caído e aniquilado desde o desaparecimento de meu pai. Falei-lhe a ela sobre essa minha ingênua pretensão. Senti-lhe a reação de alegria e de contentamento por ver-me com vontade de estudar, eu que era uma negação absoluta para as letras.

Coitada, afoitou-se, com sacrifício imenso, vencendo a sua índole tímida, afoitou-se a falar a um parente nosso, na possibilidade de eu ficar aqui, em casa dele, custeando ela as despesas com os estudos. (Tínhamos um gadinho que daria para isso). Ouviu, desenganada, um não sêco e duro! E mais a evasiva, absolutamente desconcertante, de que poderia ficar comigo para trabalhar no comércio ou noutra coisa qualquer, mas para estudar, não!

Minha mãe, confiou-me, e só a mim, a tal história, com lágrimas nos olhos! Voltamos para o sertão."

E prossegue o saudoso João Saraiva em suas revelações tocantes, a luta que ele e sua abnegada mãe enfrentaram para lhe proporcionar um lugar ao sol:

"Antonelle prosseguiu na sua carreira ascendente. E eu, mais logo, com os desvelos e cuidados de minha mãe, fui internado no Colégio de Pacoti, do meu hoje, grande amigo Senador Pimentel.

Um repiquete (sêca sem grandes consequências gerais), um repiquete levou-nos tudo o que tínhamos. E a sofrida de minha mãe, com o coração magoado, escreveu-me: "Meu filho. Já não temos nada. A seca devorou-nos a última rês. Não posso mais pagar-lhe o colégio. É necessário, pois, que comece a trabalhar para o nosso sustento. Arranjei uma colocação para você no comércio, em Fortaleza. Venha."

Esta carta de sua mãe foi para João Saraiva um grande abalo, como ele mesmo afirma com suas próprias palavras:

"Uma decepção tremenda para mim! Já me havia afeito aos estudos e não passava por mau aluno. Aliviava-me, no entanto, a idéia de poder, aqui, estudar à noite. E, de fato não deixei mais os livros.

Do meu exíguo ordenado, reservava um pouco para as aulas particulares."

Acredito que este primeiro emprego do primo João Saraiva tenha sido na Tipografia Minerva porque em uma crônica escrita no centenário Vicente Bezerra, irmão de meu santo padrinho Assis Bezerra, ele faz os seguintes comentários:

"Empregado que fui da Tipografia Minerva, lá pelos idos de 1913 ou 1914, era hóspede de meu tio afim, Assis Bezerra, homem de bem, mas não tão arguto quanto o irmão, o que lhe valeu a este o cargo de gerente e que, quase diria enfaticamente, de Primeiro Ministro dos negócios da Empresa.

Saindo Assis com a família para o sertão de Quixeramobim, deixou-me em casa de Vicente, onde tinha refeições. E mais: os carinhos maternais de D. Totonha, sua esposa, que me tratava como um filho."

Mais tarde, seguindo orientação de Antônio Furtado, seu primo e grande amigo, fez concurso para o então Departamento dos Correios e Telégrafos sendo aprovado e nomeado para esta função em Fortaleza.

Foi aí que a sua estrela começou a brilhar.

Passou então a residir com este seu parente em uma república para rapazes na rua Major Facundo.

O emprego nos correios, segundo o próprio João Saraiva, foi o seu trampolim para a Faculdade de Medicina na Bahia.

Já em plena mocidade e seguindo também o exemplo de seu pai, o nosso homenageado iniciou um romance com uma prima, Fausta Bezerra, filha do Dr. Francisco de Assis Bezerra de Menezes (Dr. Bezerrinha), professor de renome da Faculdade de Direito do Ceará e primo legítimo de seu genitor.

Houve igualmente uma certa oposição a este namoro, e ao saber disto, Mariinha, mãe de João Saraiva, interpelou o filho:

"Por que os pais dela não concordam com este amor de vocês? Diga para eles que o seu pai também era doutor e foi um grande magistrado e promotor!"

Superada mais tarde esta oposição ele veio a contrair núpcias com a ditosa prima no dia 3 de maio de 1923.

A sua mãe Mariinha não teve porém a satisfação de participar do acontecimento pois veio a falecer pelos idos de 1920, depois de uma prolongada doença, em nossa Capital, na casa de seus primos Assis e Cristina Bezerra, os quais dispensaram toda a assistência possível a esta minha tia-avó materna.

O casal fixou residência em Barretos, São Paulo, onde residiam os cunhados de João Saraiva e mediante concurso ele foi nomeado

distribuidor de um dos Cartórios daquela cidade. Ali nasceram as suas duas primeiras filhas, Thaís, já falecida e Maria Auta (Maná).

Com o apoio e a colaboração dos cunhados fundou um colégio de nível secundário, para os jovens da terra, sendo ele mesmo o seu Diretor e lente de várias matérias.

A revolução de 1924 e as perseguições políticas obrigam-no a fechar o estabelecimento de ensino trazendo para o saudoso primo amargas conseqüências.

Passando este vendaval ele consegue retornar às suas antigas funções no Departamento dos Correios e Telégrafos, obtendo inclusive a sua remoção para a Bahia, onde em 1927, aos 32 anos de idade, tenta e vence brilhantemente o vestibular para a Faculdade de Medicina naquele Estado.

Enquanto isto, a esposa e filhas retornam ao Ceará e ficam durante os anos em que ele cursa a medicina, na casa do cunhado, sacerdote, Mons. Geminiano Bezerra, o saudoso Padre Nini, antigo vigário da Igreja do Patrocínio, em nossa Capital.

Somente nas férias é que o nosso homenageado tinha a alegria e satisfação de rever os seus entes queridos. Um verdadeiro ostracismo que ele suportou com muita altivez para obter um lugar ao sol!

Na Faculdade da Bahia, em pouco tempo revelou-se como um dos mais brilhantes acadêmicos, pela sua dedicação aos estudos e profundo saber.

Quixadá Felício, de saudosa memória, e que ali residia, em uma de suas crônicas na imprensa cearense, dá o seu testemunho:

" Foi um aluno brilhantíssimo da Faculdade de Medicina da Bahia.

Durante todos os seis anos, vencendo os sacrifícios do emprego que lhe roubava constantes noites de sono, e o sacrifício maior de viver separado da mulher e dos filhos, que engordavam com o feijão do Padre Nini, aqui em Fortaleza, – (vencendo tantos sacrifícios) – sagrava-se como dos melhores no aproveitamento teórico das aulas, de exigentes professores, gente bamba, professores de fama internacional muitos deles, e que esfolavam a estudantada, só passava mesmo no fim do ano quem provasse conhecer a matéria.

Assim foi a vida acadêmica de João Batista Saraiva Leão – modelo de estudante, modelo de homem – e que levara para a Bahia o lastro de um bom curso de humanidades, sabendo línguas e histó-

ria, geografia e matemática para ensinar em qualquer colégio de rigorosa seriedade didática.

Formado, veio para a esteira de triunfos de um profissional que ainda não largou o consultório, porque a clientela não o pode largar. E para os brilhos invulgares do professorado superior, dando à nossa engatinhante Faculdade de Medicina condições para creditar-se na confiança da juventude universitária do Ceará e de outros Estados vizinhos."

Agradecendo em Carta Aberta à crônica de Quixadá Felício, publicada também no jornal O Povo, João Saraiva revelava-se modesto, outra virtude que soube cultivar em toda a sua gloriosa existência:

"Não fui um aluno brilhante e muito menos brilhantíssimo. Fui um aluno medíocre, apenas esforçado, estudioso e que nunca sofreu uma reprovação. Porque mesmo não podia sofrê-la. Já era homem e tinha responsabilidade."

O seu inesquecível colega e amigo, Dr. Ocelo Pinheiro, ao fazer-lhe a saudação quando da outorga do título de Professor Emérito de nossa Universidade Federal, relembrou também esta sua fase acadêmica na Bahia:

"Em 1931, quando ingressei na mesma Escola de Medicina, por indicação do meu amigo Saraiva Leão, tive a ventura de residir com ele no Pensionato Mariano Acadêmico, sob a orientação dos padres jesuítas. Durante dois anos fomos companheiros, pois formou-se com brilhantismo em 1932. Fui testemunha de seu esforço dispendido para se manter na Bahia, distante da família já constituída de quatro filhos, mantendo-se dos parcos vencimentos de telegrafista, obrigado a pernoitar periodicamente na repartição e adentrando-se pela madrugada, preso aos livros. Seu modesto quarto tinha as paredes cobertas de toscas prateleiras, onde se alinhavam livros de medicina dos mais atualizados e o que mais me chamava a atenção, livros de literatura clássica e moderna aos quais frequentava, embevecido, nas horas de lazer. O seu lastro de cultura humanística, sedimentada de longa data, é a razão por que Saraiva Leão é hoje um respeitado e admirado homem de letras, articulista, polemista e membro do Instituto Histórico do Ceará."

Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1932, na Turma do Centenário de fundação daquela entidade, João Saraiva contava na oportunidade 37 anos de idade, mas isto não representou para ele nenhum complexo.

"Chegou num dia, e no outro já estava trabalhando, como se já estivessem à sua espera" revela ele em sua entrevista ao jornalista Francisco Lima, do jornal O Povo, em 11 de janeiro de 1966.

No ano seguinte recebe e aceita convite da Irmã Diretora do Colégio Imaculada Conceição para exercer o magistério naquele secular estabelecimento de ensino ao lado de Meneses Pimentel, Luís Sucupira, Audifax Mendes, Mozart Pinto e Raimundo Arruda.

Foi este último mestre que levou o nosso homenageado para ser professor da Faculdade de Odontologia, tendo a sua escolha sido mais tarde confirmada por nomeação do então Presidente Getúlio Vargas.

Ali iniciou o magistério superior antes de ser alçado à Faculdade de Medicina, alguns anos depois, dividindo o seu tempo entre a Santa Casa de Misericórdia, onde dirigia o setor de otorrionolaringologia, e a sua clínica particular. Também foi professor do Colégio Militar em Fortaleza.

O Jornal católico O Nordeste, edição de 24 de agosto de 1933, em seu indicador profissional, traz o seguinte anúncio de nosso homenageado:

Dr. J. B. Saraiva Leão

Chefe da Clínica de Ouvidos, Nariz e Garganta da Santa Casa.

Da clínica oto-rino-laringológica do Prof. Dr. Eduardo Moraes

Especialidade: Nariz, Garganta, Ouvidos e Olhos

Cirurgia da Cabeça e Pescoço

Consultório – Altos da Casa Maranguape, Salas 5 e 6

Praça do Ferreira – Consultas de 14 às 17 horas

Residência: Rua Senador Pompeu, 186

Eu diria até mesmo que este anúncio era desnecessário, pois em pouco tempo de atividades profissionais, a fama de nosso homenageado tomou conta de Fortaleza. Basta ver a localização de seu consultório, em plena Praça do Ferreira, o coração de nossa Capital.

O meu tio e sogro João Leão contou-me certa vez que vindo do interior para uma consulta médica ao chegar em seu consultório era tanta gente para ser atendida que ele teve dificuldade até de encontrar uma cadeira para aguardar a sua vez.

Teria feito fortuna, como aconteceu com muitos de seus colegas, se não fosse detentor de espírito público e sobretudo caritativo.

Inúneros foram os casos de sua dedicação total aos parentes e pessoas humildes que bateram a sua generosa porta e por ele sempre foram atendidos. Enumerá-los tomaria muito tempo dos presentes.

Gostaria apenas de transcrever a notícia do acidente em que foi vítima a minha avó materna, Tereza Cristina Saraiva Leão, minha avó Tetezinha, de quem minha amada esposa e prima herdou o nome e suas virtudes, publicada no jornal A GAZETA DE NOTÍCIAS, edição de 11 de maio de 1933.

É o próprio jornal que ressalta a dedicação de nosso homenageado para com a tia gravemente enferma. Vejamos:

SÉRIO ACIDENTE DE CAMINHÃO – A Senhora está na Casa de Saúde César Cals gravemente enferma (Este é o título da notícia).

"Informados de que na Casa de Saúde Dr. César Cals se achava uma senhora gravemente enferma, vitimada por um desastre de carro, para lá nos dirigimos à cata de mais pormenorizadas informações, embora fosse já tarde da noite.

Atendidos por uma das enfermeiras daquela casa de saúde, conseguimos falar com o Dr. João Saraiva Leão, sobrinho da vítima, sra. D. Tereza Cristina Saraiva Leão, esposa do Sr. José Bougival Saraiva Leão, coletor em Canindé.

Informou-nos o Dr. João Saraiva Leão que o lamentável desastre ocorrera ante-ontem, precisamente às 8 horas da manhã, calculadamente uma légua adiante de Campos Sales, quando o caminhão em que viajava D. Cristina virou ao procurar desviar-se de um buraco.

Adiantou-nos ainda este facultativo que, havendo sido chamado, com urgência, por telegrama, imediatamente se transportara ao local do acidente.

Em vista da gravidade de seu estado, foi chamado o padre Geminiano Bezerra, vigário da matriz do Patrocínio, para ministra os últimos sacramentos à desventurada senhora.

Até a hora que nos retiramos da Casa de Saúde Dr. César Cals, 23 horas, o Dr. João Saraiva Leão ainda permanecia ao pé do leito de sua digna parenta."

Quando se cogitou da fundação da Faculdade de Medicina do Ceará, ele foi um dos primeiros médicos a batalhar pelo sucesso des-

ta louvável iniciativa, ao lado de Jurandir Picanço, José Carlos Ribeiro, Valdemar de Alcântara, Newton Gonçalves, José Pontes Neto e outros.

Criada a nova Faculdade com a publicação de seus estatutos no Diário Oficial da União, de 29 de agosto de 1947, João Saraiva, para surpresa sua, foi depois escolhido seu primeiro diretor.

Em pronunciamento feito na decorrência dos 29 anos de fundação da Faculdade de Medicina, ele comenta a sua designação para 1° Diretor do referido órgão. Ouçamos mais uma vez suas próprias palavras, onde a sua reconhecida modéstia e honradez ficam comprovadas e ressaltadas.

"Quando se procedeu à eleição para Diretor da nossa Faculdade de Medicina, havia dois indicados pela Entidade Mantenedora da referida Faculdade.

Eu fui votar, como os outros, sem pensar, nem de leve, que me incluíssem no meio dos candidatos, que já estavam determinados. Mas, na entrada da casa, encontrei um colega que me disse, muito sério: você é quem vai ser o Diretor! Ri-me e disse-lhe que seria impossível, e mesmo se não fosse, não aceitaria a indicação.

Antes, porém, de começar a sessão, chamou-me ele e me disse. "Olhe, o que lhe disse à entrada desta casa, não é brincadeira, está tudo combinado e só queremos uma coisa: não desista, não nos decepcione. Ainda não cri em tal coisa!

Entrei na sala para votar. À apuração, porém, com espanto meu, meu nome repetido com insistência. Percebi o desapontamento dos indicados e do indicador.

Mas, terminada a apuração, fui eleito Diretor com decepção visível e clara dos interessados.

Pedi, então a palavra e narrei miudamente o caso. Não me acreditaram. E interpelaram: Então, por que não desiste? Não desisto por que me pediu o levantador de minha candidatura que não os decepcionasse, se fosse eleito!

Embora não tenha influído, de modo nenhum no caso, que julgava um trote, acho uma covardia, diante da atitude dos candidatos, abandonar de início, o cargo para o qual fora eleito. E disse apenas: Aceito e assumirei a Diretoria!

E sem nenhuma prática de administração de obra vultosa, tomei posse. O que foi a minha administração, fiz o que pude para

acertar. Não pratiquei iniquidades. Não empreguei filhos meus, pesar de precisar, e nem sequer um parente. Nomeei estranhos para os cargos indicados.

E tive minhas restrições para mostrar que não tinha interesse no caso.

Haviam preparado o gabinete do Diretor com secretárias magníficas, cadeiras giratórias e mais instalações de bom gosto, disseram-me. Porque, nunca dos nunca, sentei-me na cadeira e nem sequer entrei no gabinete. Entreguei-o virgem ao meu sucessor. Meu expediente, despachos etc. dava-os na sala dos funcionários.

Mas religiosamente cumpria meus deveres e dava aula diariamente. Propositadamente comento este fato porque pode ser que alguém tenha dúvida sobre a minha dignidade, pois seria incapaz de torpeza tamanha."

O que eu gostaria de ressaltar ainda de nosso homenageado, como grande profissional, é que tendo se especializado em otorrionolaringologia, não foi porém esta a matéria escolhida por ele para exercer como catedrático de medicina: ali sua cadeira foi de anatomia, uma área inteiramente diversa daquela em que ele se especializou.

E como professor de anatomia foi uma verdadeira revelação e ainda hoje o seu nome ressoa na antiga Faculdade de Medicina como o melhor mestre desta matéria.

Atingido pela compulsória, em 1965, deixa o magistério superior e passa a se dedicar mais as suas atividades literárias.

Em 11 de janeiro de 1966 concede ao jornalista Francisco Lima, do jornal O Povo, uma longa entrevista onde comenta fatos de sua vida profissional como Professor de nossa UFC.

Transcreverei apenas alguns tópicos deste seu pronunciamento.

"Sempre gostei dos moços. E mantive com eles, continuamente, laços de estima e cordialidade, sem quebra de disciplina. Procurei, o mais que pude, ser justo, aponto de corrigir provas duas três vezes, para não cometer injustiça.

O mais comovente ponto de minha carreira no magistério, tive-o este ano, quando encerrei o curso. Recebi dos meus alunos a mais sincera e a mais consagradora das manifestações que, francamente, compensam todas as canseiras e percalços de professor, que procura cumprir o seu dever.

O mais decepcionante, preferia calá-lo, mas sou obrigado a dizer que foi ficar, até hoje, rompido comigo um aluno e sua família porque o reprovei e não podia deixar de fazê-lo. E no mesmo dia, aprovava, com nota elevada, um pobre moço que, para viver, vendia sapatos no mercado público."

O ponto comovente a que se refere o nosso homenageado, sem entrar em maiores detalhes, foi a sua escolha como paraninfo de uma turma de médicos, na qual figurou o meu genro, Dr. Francisco Teles de Meneses Neto. Estes concludentes faziam parte da última turma que João Saraiva foi professor antes de se aposentar.

Quanto ao fato decepcionante não tenho informações seguras e por este motivo acho melhor silenciar o assunto.

Em julho de 1966, um ano após a sua aposentadoria, ele foi agraciado com o honroso título de Professor Emérito, com saudação do próprio Diretor da Faculdade de Medicina, seu amigo Prof. Dr. Ocelo Pinheiro.

Outra tocante homenagem veio a receber em 1976, um ano antes de seu falecimento, quando os participantes do XXII Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, lhe ofertaram uma placa de prata alusiva aos seus relevantes serviços prestados à especialidade.

Senhor Presidente, Prezados Consócios e Ilustres Convidados

A medicina jamais divorciou o nosso homenageado de suas atividades literárias e foi graças aos seus fabulosos escritos publicados na imprensa cearense, que pude reconstituir a sua longa e brilhante jornada neste mundo menor.

Mais de uma vez o incentivei para enfeixar em livros as suas publicações científicas e literárias, a fim de que as gerações futuras tivessem conhecimento de seu grande talento.

Ele nunca aceitou esta minha sugestão, talvez por modéstia, e acredito que hoje pouquíssimas pessoas possuem seus monumentais trabalhos.

Seus magistrais artigos publicados no jornal O Povo, do qual era assíduo colaborador, eram lidos e comentados com rasgados elogios pelo mundo cultural cearense, tal a beleza de seu estilo primoroso, bem como a pureza em que sabia se expressar na língua portuguesa.

Alguns intelectuais até reclamavam dele por não se dedicar mais à literatura, como lamentou Raimundo Girão ao saudá-lo em seu ingresso no Instituto do Ceará, no dia 25 de agosto de 1955:

"Pena é que as obrigações profissionais e as funcionais devorem o seu tempo e o privem de uma produção científica e literária mais compacta como é de esperar-se de seu talento aprimorado."

Senhor Presidente, Senhores Consócios e Caros Convidados

Esta foi, em resumo, a vida do nosso sempre lembrado consócio Prof. Dr. João Batista Saraiva Leão, nome que pronuncio com todo respeito, veneração e saudade.

Considero-o uma das glórias desta Casa e um exemplo a ser seguido por todos nós, seus familiares e amigos.

O ano de 1977 soou para ele como o de sua partida deste mundo e o seu falecimento verificou-se no dia 30 de dezembro de 1977, ou seja, cinco dias após haver completado 82 anos de idade e haver cumprido maravilhosamente a sua missão terrena.

Ao saudoso confrade, Prof. Dr. João Batista Saraiva Leão, que permanece vivo na memória de todos nós e aqui está representado pela sua numerosa descendência, a minha homenagem, a homenagem do Instituto do Ceará e de todos os seus membros!